

O Movimento Estudantil em 68 no Brasil

68. Sob a égide da utopia revolucionária, o protesto eclode internacionalmente. No Brasil, assim como nos demais países, o movimento estudantil se destaca. Diante das múltiplas bandeiras levantadas, nossa palestra abordará aquelas que emergem a partir do “diálogo” entre o movimento estudantil e a ditadura militar. Os estudantes atuam, cada vez mais, em direção à violência revolucionária para a transformação radical da sociedade. Enquanto a linha dura, empregando todas as suas armas para a retomada e redefinição da “revolução” de 64, vai conseguindo vitórias frente à oscilação de Costa e Silva entre a abertura e o endurecimento do regime. O início do “combate” entre estas duas concepções opostas de revolução toma as ruas em março de 68.

Em 28/03/1968, “a morte de Edson Luís” no Rio de Janeiro é um marco para a passagem do movimento estudantil ao enfrentamento. O protesto contra a violência policial, que mata um secundarista, assume dimensão nacional. Aos olhos do Movimento Estudantil, a população que, ao sensibilizar-se, vai às ruas, revela a sua disposição de luta “contra a ditadura”. Para o governo a “agitação”, colocando em risco a manutenção da ordem e a tranquilidade nacional, requer a tomada de medidas repressivas.

Os episódios conhecidos por "sexta-feira sangrenta (em 21/06/68) e "passeata dos cem mil" (em 26/06/68) também repercutirão nacionalmente. No primeiro, o dado novo é que a população carioca parte para o enfrentamento, nas ruas, diante da indiscriminada utilização de violência pela PM. Na interpretação de parte dos estudantes, a adesão da população expressa a viabilidade da revolução das “massas”.

Na passeata dos “cem mil”, está presente o protesto “pacífico” da população contra as violências policiais. Devido à adesão de cem mil pessoas, a opção do movimento estudantil pela utilização da violência, bem como suas divergências internas em relação à mesma, começam a ser explicitadas, levando a propaganda da “luta armada” às ruas. O governo, embora permita a manifestação, em seguida, devido ao alarmante crescimento do “movimento subversivo” que “impõe” medidas urgentes e drásticas, proíbe as passeatas. Com o acirrar dos conflitos, o governo ameaça a imprensa

por contribuir para o alastramento da “agitação”, ensaiando os primeiros passos da censura.

A "guerra da Maria Antônia", que tem início no dia 02/10/68 em São Paulo, acontece em um contexto político pautado pelo aumento ostensivo da repressão e acompanhado de ataques terroristas e da ação de organizações paramilitares. A opção de parte do Movimento Estudantil pela militarização toma às ruas em uma luta “armada”. O prédio da Maria Antônia - símbolo de um “território livre” é destruído. O discurso do governo em torno do “inimigo externo”, veiculado desde o início, passa a encontrar eco inclusive em periódicos da grande imprensa que, até agora, vinham se posicionando favoravelmente aos estudantes. Apenas as mães acompanham-nos em seus protestos.

O 30º Congresso da UNE, que tem início em 11/10/68, em Ibiúna, e é cercado pela polícia no dia seguinte. As principais lideranças são presas “sem resistência”. O “laboratório de guerrilha” não chega a ser posto em funcionamento. A análise de seus documentos, preparados para as discussões e votações do Congresso, revela-nos as diversas formas de luta, redefinidas ao longo do ano, onde emerge como central o papel reservado à violência em cada uma das tendências estudantis para a realização de um sonho comum: a revolução. Ao mesmo tempo em que elas deveriam estar sendo discutidas, a continuidade do processo revolucionário, através da militarização do ME, é duramente golpeada. Suas lideranças estão na cadeia, a grande imprensa veicula uma imagem cada vez mais desfavorável dos “perigosos” estudantes ao vinculá-los aos “subversivos”, repercutindo na ausência da população. Há “o canto da vitória” pelo governo. As lideranças estudantis estão isoladas, tanto de suas bases, quanto do restante do “povo”. A decretação do AI-5, em dezembro, ratificará a interdição do movimento de massas. Aqueles que quiserem continuar acalentando o sonho revolucionário deverão trilhar outros caminhos...